

MOINHOS DE VENTO: A FORMAÇÃO DE UM BAIRRO NO CONTEXTO URBANO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE DURANTE AO SÉCULOS XVIII E XIX.

MOINHOS DE VENTO: THE FORMATION OF A NEIGHBORHOOD IN THE URBAN CONTEXT OF PORTO ALEGRE CITY DURING THE 18TH AND 19TH CENTURIES.

Ana Helena Dreissig¹

RESUMO

A expansão de pequenos núcleos urbanos para a condição de grandes cidades envolve o surgimento de novos bairros, característicos de distintas culturas, que se estabelecem conforme a ocupação territorial. O Bairro Moinhos de Vento fica em uma região de Porto Alegre que a maioria dos historiadores que estudam afirma ser difícil definir a época do aparecimento do bairro. Porto Alegre teve nos séculos anteriores, além das instalações dos moinhos, pequenos aglomerados habitacionais oriundos do patrimônio religioso que o antigo sistema de capitânias ao longo do território brasileiro havia instaurado: os discretos e tímidos arraiais. Dos cinco arraiais distribuídos fora da antiga cidade muralhada, um deles era o Arraial São Manoel e esta foi a primeira construção registrada na zona. Compreendemos assim, que houveram ocupações paralelas no território que hoje contempla o Bairro Moinhos de Vento. Neste trabalho é estudado e analisado o processo de formação do bairro no contexto da cidade, onde procura-se esclarecer pontos importantes da história desta região, começando por quem a ocupou primeira, seguindo das maiores influências e equipamentos urbanos que a região dos moinhos de vento recebeu até o final do século XIX.

Palavras-chave: História de Porto Alegre. Moinhos de Vento. Urbanização. Planejamento Urbano. História da Cidade.

ABSTRACT

The expansion of small urban centers to the condition of large cities involves the emergence of new neighborhoods, characterised by different cultures, which are established according to territorial occupation. The Moinhos de Vento neighborhood is located in a region of Porto Alegre that most historians who study say that it is difficult to define the time of the neighborhood's appearance. In the previous centuries, Porto Alegre had, besides the facilities of the mills, small housing clusters from the religious heritage that the old system of captaincy

1 Arquiteta e Urbanista Graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com experiência nas áreas de Arquitetura de Interiores, Edificações, Design Gráfico e Planejamento Urbano. Especialista em Construção Civil pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) Mestre em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

throughout the Brazilian territory had established: the discreet and timid camp called arraiais. Of the five distributed outside the old walled city, one of them was the Arraial São Manoel, this was the first built facility registered in the area. Thus, we understand that there were parallel occupations in the territory that today includes the Moinhos de Vento neighborhood. In this paper was study and analyzed the process of formation of the neighborhood in the context of the city, where was sought to clarify important points in the history of this region, starting with who occupied it first, following the major influences and urban equipment that the region of Moinhos de Vento received until the late nineteenth century.

Keywords: History of Porto Alegre. Moinhos de Vento. Urbanization. Urban planning. City history.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos, o processo de expansão de pequenos núcleos urbanos para a condição de grandes cidades envolve o surgimento de novos bairros, característicos de distintas culturas, que se estabelecem conforme a ocupação territorial. As cidades se assemelham, e segundo Petersen Filho (1982, p. 256), são iguais em certos aspectos e problemas, com avenidas, ruas, casas e palácios. Mas para o autor, a diferença está neste conjunto de fatos que entra a história: “[...] onde o passado gera os frutos da inteligência em que cada povo procura aprimorar e enriquecer o seu patrimônio cultural e artístico”. (PETERSEN FILHO, 1982, p. 256)

O Bairro Moinhos de Vento fica em uma região de Porto Alegre que é considerada como “tão antiga que é capaz de rivalizar com o aparecimento das Azenhas ao longo do sinuoso e sorrateiro Arroio Dilúvio”. (SANHUDO, 1961, p. 225). A maioria dos historiadores que estudam esta região de Porto Alegre afirma ser difícil definir a época do aparecimento do bairro, pois nesta zona, cuja expansão vem do eixo da Avenida Independência, afirma Sanhudo (1961, p. 225), que: “[...] como as azenhas, eram diversos os moinhos que pontilhavam o dorso da magnífica cordilheira que ficou famosa como a região dos moinhos de vento”. O autor define exageradamente a região como uma espécie de cordilheira por ter uma das maiores altitudes da cidade.

Espalhados pelo território que abrange a Porto Alegre de hoje, além das instalações dos moinhos, existiam pequenos aglomerados habitacionais oriundos do patrimônio religioso que o antigo sistema de capitânias ao longo do território brasileiro havia instaurado: os discretos e tímidos arraiais.

Um arraial é um aglomerado populacional, um conjunto de casas em torno de uma capela ou arrabalde de um centro maior que com o tempo, em função de seu aumento popula-

cional, adquiriu o direito de aspirar e efetivamente pleitear o reconhecimento institucional de sua importância crescente. (MARX, 1991, p. 26)

Dos cinco arraiais distribuídos fora da antiga cidade muralhada, um deles era o Arraial São Manoel, que teve sua pedra fundamental lançada em fevereiro de 1878 e por certo período, deu nome ao bairro (SANHUDO, 1961, p. 227). Compreendemos assim, que houve ocupações paralelas no terreno que hoje contempla o Bairro Moinhos de Vento, e o objetivo deste trabalho é estudar as modificações territoriais e compilar informações sobre os diferentes equipamentos urbanos que foram instalados e modificados ao longo dos séculos nesta região.

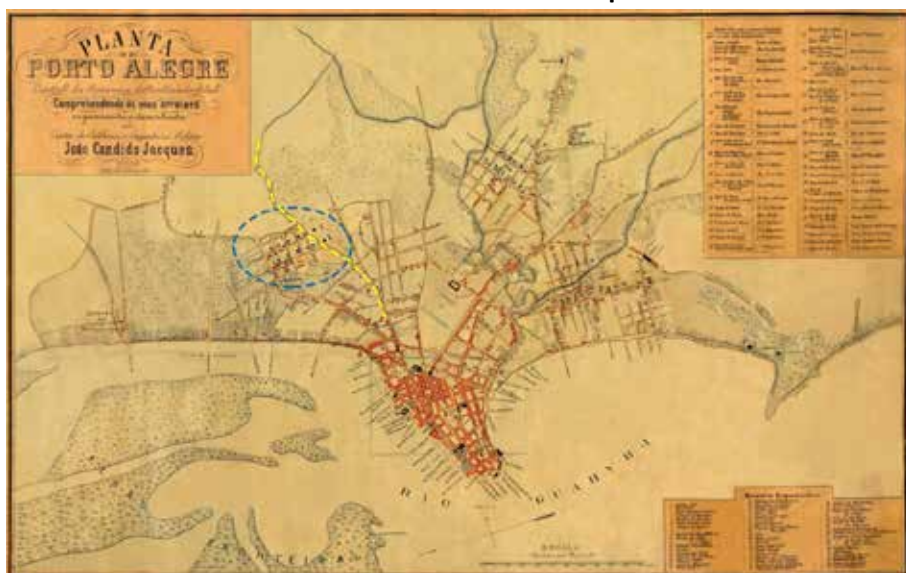
Esta pesquisa foi motivada pelo desejo compilar informações de um dos bairros mais conhecidos atualmente na cidade de Porto Alegre. A de coleta de dados em fontes primárias e secundárias e a revisão bibliográfica do estado da arte subsidiam a pesquisa a partir de livros, crônicas ou trabalhos acadêmicos sobre esta região. São citados apenas os autores que fazem menção direta à área estudada, desconsiderando possíveis correlações territoriais ou informações generalizadas sobre Porto Alegre, que poderiam incitar conclusões dúbias e/ou não confiáveis. Por esta razão, a bibliografia torna-se diminuta, apesar do extenso recorte temporal.

1 Moinhos de Vento: um bairro de muitas histórias

Acredita-se que a primeira ocupação permanente da região se deu por uma estratégia de sobrevivência de um grupo de casais açorianos que vinham trazendo a monocultura do trigo como seu único meio de subsistência. Na planta de Porto Alegre, datada de 1888, já aparecem, desenhados e identificados, os arraiais existentes na região, inclusive o São Manoel, nas proximidades da instalação açoriana.

Os açorianos eram agricultores em sua terra natal, e segundo Souza (2000, p. 44) se estabeleceram primeiramente no Vale do Jacuí, onde, trazendo os seus moinhos, dedicaram-se principalmente ao plantio de trigo, que chegou a ser produzido em grandes quantidades para exportação. Porto Alegre, além de ter sido o local de desembarque inicial, passou a ser o escoadouro natural daquela região através de seu porto, de onde a produção seguia em direção ao mercado nacional (SOUZA, 2000, p. 44).

Figura 1: Planta de Porto Alegre do ano de 1888 com demarcação dos arraiais existentes. Graficação da autora em azul – Arraial São Manoel, e em amarelo – estrada dos Moinhos de Vento. Autoria de João Cândido Jacques



Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – IHGRGS

Com o poder da força motriz, durante um longo período, a água prendeu o homem às margens dos arroios, fazendo com que as cidades tivessem sua formação e expansão urbana a partir de pontos próximos aos cursos d'água, o que aconteceu com Porto Alegre. O vento, em qualquer colina ou mesmo em pequena elevação do terreno tornou-se com o domínio de novas técnicas, o servo permanente e incansável que fazia girar as mós, e com ele o homem atingiu mais um degrau de sua liberdade. O trabalhador da lavoura passou a estar mais independente do alto preço das terras próximas a cursos d'água, podendo movimentar a máquina pela força do vento, desprendendo-se da necessidade da força da água que movia as azenhas e podendo escolher habitar locais de colina, que na época ainda não expressavam valor imobiliário:

Moinhos de Vento, uma tradição de herança açoriana, os Moinhos que enfeitaram a paisagem da Avenida Independência, nos tempos históricos da cidade e as decorativas pás rodando nos moinhos, nas longas tardes poéticas, de crepúsculo na jovem capital do Rio Grande do Sul. Os moinhos, uma lição de história econômica e sociológica. Lembrança principal do arquipélago dos Açores, repetida e plantada no cenário gaúcho da colônia portuguesa. (LAYTANO, 1982, p. 25)

Dois dos bairros de Porto Alegre - o Moinhos de Vento e a Azenha - levam estes nomes porque homenageiam sistemas utilizados até o início do século XIX, por questões de a terra e o clima propiciarem o plantio. Sanhudo (1961, p. 225) descreve que: “[...] os trigais se espalhavam pela baixada, a qual, era conhecida como Vale do Sabão ao longo da Serra do Mar, nome dado ao alto da Independência e o Moinhos de Vento, que ficavam fora dos muros da cidadezinha”. Segundo Macedo (1973, p. 44), há plantas baixas desenhadas logo após a chegada dos açorianos em terras rio-grandenses, de moinhos mais antigos que os da capital, revelando a frequência e permanência daqueles engenhos durante um século, servindo à primitiva economia do estado, até o início de suas demolições, que ocorreu ainda na primeira metade do século XIX, das quais não ficaram de fora, os moinhos instalados na capital.

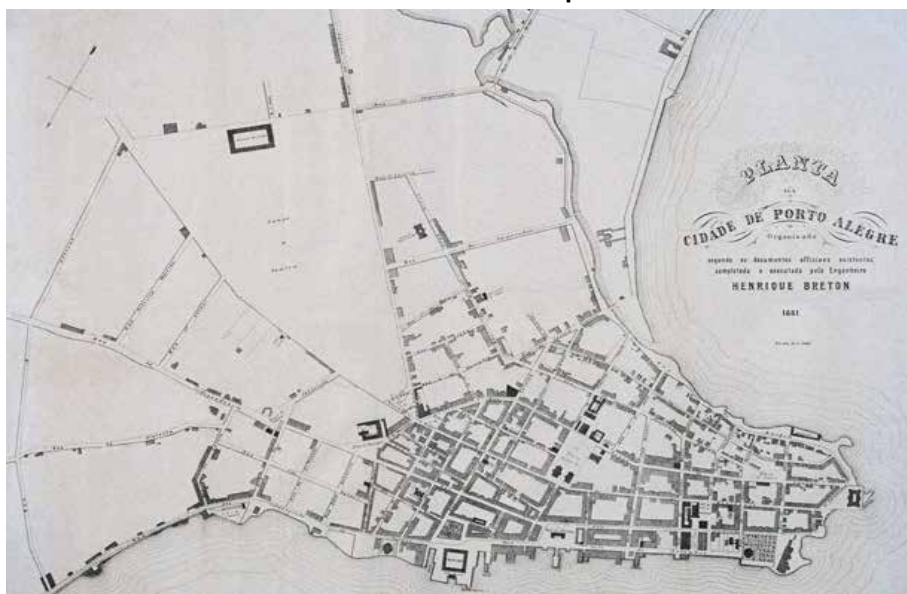
Para Sanhudo (1961, p. 227), o Bairro Moinhos de Vento corresponde ao local que deixou tradição como região produtora de trigo localizada onde eram ainda os “arredores da capital”, e considera claro que a invocação abrangia campos e alturas bem mais extensas do que as que atualmente conhecemos. Aponta que desde os anos 1760 uma boa quantidade de moinhos movidos pela força dos ventos estaria instalada, provavelmente ao lado do atual Morro Ricaldone “[...] com as suas toscas e longas pás, viradas para a nascente, recebendo os alísios da viração oceânica”, descreve o autor em *Porto Alegre: Crônicas da Minha Cidade* (1961, p. 227).

Após o período imperial, a monocultura deixa de ser um processo lucrativo e torna-se prejudicial para a economia e para o desenvolvimento da cidade - pois impedia a diversidade do zoneamento - e novas classes econômicas ali se instalaram em fase de expansão urbana. Segundo Villaça (2001, p. 103), a posição costeira e a situação regional fizeram com que as principais vias de deslocamento intra-municipal se apresentassem concentradas em uma única direção da cidade - a norte - através da qual é possível atingir todo o país.

É quase certo que as primeiras penetrações na face norte de Porto Alegre tenham se dado depois da abertura do Caminho Novo - a nova estrada cuja função principal era facilitar o acesso de Porto Alegre à região norte do estado, atribuída a onde hoje começa a Av. Farrapos - ainda nas primeiras décadas do século XVIII. Mas até o início do século XIX, os poucos moradores da zona, distribuíam-se vagamente entre *lombas e vastos capões de mato em toda a baixada do Morro do Carneiro* (SANHUDO, 1961, p. 219). A planta baixa da cidade de Porto Alegre do ano de 1835 stampa essa parte das vizinhanças da cidade entremuros, com três logradouros públicos, que atualmente são as ruas Cristóvão Colombo, Ramiro Barcelos e Barros Cas-

sal, e segundo Sanhudo (1961, p. 219) “[...] tanto dentro desse quadrilátero irregular, como em seu arredor, já se desenhavam algumas casas de moradia”. Foi dessa época em diante que os bairros desta região começaram a tomar vida, mesmo ainda sem aspectos específicos de bairros, sendo apenas algumas pequenas construções residenciais e raros becos. A planta mais antiga encontrada que ilustra o “quadrilátero irregular” ao qual Sanhudo se referia, foi do ano de 1881, de autoria de Henrique Breton, onde é claramente ilustrada a situação que o escritor detalhou em seu livro publicado em 1961, o já mencionado *Porto Alegre: Crônicas da Minha Cidade*.

Figura 2: Planta de Porto Alegre do ano de 1881
Autoria do desenho: Henrique Breton



Fonte: CD-ROM “Porto Alegre - Um Século em Fotografia”, Editora da ULBRA 1997-2007 por Ronaldo Marcos Bastos.

Figura 3: Graficação da autora sobre setor da planta de Breton, demarcando as ruas as quais Sanhudo cita e o “Quadrilátero Irregular” ao qual se refere na obra mencionada.



Fonte: CD-ROM “Porto Alegre - Um Século em Fotografia”, Editora da ULBRA 1997-2007 por Ronaldo Marcos Bastos.

Villaça aponta que a estruturação espacial básica das metrópoles brasileiras tende a se realizar segundo setores de círculos, o que nos remete a um processo espacial urbano bastante conhecido: o de que os bairros residenciais de alta renda “andam” ou “deslocam-se” sempre na mesma direção. Villaça (2001, p. 153) aponta que: “O deslocamento das nossas burguesias decorre de suas diminutas dimensões e do enorme desequilíbrio entre as classes sociais existente no Brasil”, o que nos leva ao entendimento de o Bairro Moinhos de Vento já ter sido, por muitos autores, considerado o berço da burguesia Porto-Alegrense. “Relatos embevecidos a seu respeito são feitos oralmente ou em jornais e blogs por visitantes de fora do estado, que o comparam ao Jardins em São Paulo, ao Savassi em Belo Horizonte e a Recoleta e a Palermo em Buenos Aires”. (BISSÓN, 2009, p. 11)

Em meio ao processo de segregação urbana que estendeu a instalação da classe alta desde o centro até o Moinhos de Vento, a Avenida Independência é analisada como um divisor de águas da expansão territorial da cidade de Porto Alegre, cuja ocupação surge ainda em fins do século XVIII, tendo iniciado entre a ponta sul da atual Av. Borges de Medeiros e o começo da Rua dos Andradas. Já em meados do século XIX a atual Avenida Independência ainda era conhecida por outro nome – Estrada dos Moinhos de Vento, nome que sucedia o ainda mais antigo nome, Estrada da Aldeia dos Anjos -, estendia-se até onde poucas décadas depois seria instalado o Prado Independência. Souza (1997, p. 37) discorre sobre a área caracterizando-a

como: “[...] quarteirões de tamanhos irregulares com grandes áreas, que futuramente darão lugar à abertura de novas ruas. Este bairro, em torno do Prado, era o Arraial São Manoel, que se estendia na direção da Cristóvão Colombo”.

Sem dúvida, a colonização deste local foi obra dos açorianos, e é provável que suas primeiras plantações de trigo, logo após a sua chegada às terras brasileiras, tenham funcionado como um escape para a fome. Assim como as azenhas, os moinhos eram trazidos prontos para a moagem do grão de trigo, - e não fabricados aqui - e a altitude da região desde a atual Av. Independência em seu eixo linear, trazia vantagens para o bom funcionamento da monocultura ali estabelecida. Ainda durante o século XVIII, no período em que as terras rio-grandenses levavam o nome de Continente de São Pedro do Rio Grande, esta região já fornecia: “[...] uma cota apreciável de volume do cereal, e era considerada verdadeiramente de boa qualidade, enquanto seus produtores não moravam permanentemente no local”. (SANTAHUDA, 1961, p. 226)

A produção do trigo nesta região chegou ao seu auge em 1815, descreve SantaHuda (1961, p. 226) que, com a cota de 255 mil alqueires, enquanto no Brasil dos tempos coloniais, ainda reinava o sistema de capitanias. Esta provavelmente foi a razão maior que levou a área a tornar-se mais povoada nesta época de ascensão da economia do trigo. Nas décadas seguintes, apesar das severas leis de punição, o contrabando levou a balança do trigo a uma fase de grande oscilação, colocando este em desequilíbrio durante o fim do período colonial. “Porto Alegre, em 1822, com 11.000 habitantes, continuava a ter uma diminuta área urbana, mas crescia extramuros, pois “Moinho de Vento”, apesar de seus “moinhos”, já se tornara um pouco povoado”. (LAYTANO, 1982, p. 13)

O nome Moinhos de Vento foi dado ao bairro em meados do século XIX, e sua origem ainda é discutida por autores locais. Bisson (2009, p. 18) afirma que próximo à colina que abriga o prédio da atual Santa Casa de Misericórdia havia uma estrada que se dirigia à Freguesia da Aldeia dos Anjos (hoje o município de Gravataí). Em função disso, a rota era conhecida como Estrada da Aldeia, e por volta de 1818, Antônio Martins, conhecido como “Barbosa Mineiro”, instalou moinhos de vento nessa via, nas proximidades da atual Rua Barros Cassal, a duas quadras do Centro. Foi neste momento que a saída para Gravataí - a atual avenida independência - começou a ser chamada de Estrada dos Moinhos de Vento. Essas estruturas de moagem de trigo permaneceram ali até 1836, quando houve a determinação militar imperial de que fossem derrubados para não se prestarem como “ponto de tiro alto” sobre a cidade por ocasião do cerco dos farroupilhas. Segundo o

autor, o fato é que os moinhos foram esquecidos, mas o nome ficou.

Para Sanhudo (1961, p. 132), que escreveu décadas antes sobre Porto Alegre - em meados dos anos 1960 - o nome se origina simplesmente do fato que antes do fim do século XVIII, o alto do chapadão foi definitivamente consagrado como Moinhos de Vento em prol das safras que eram ali realizadas, onde residentes de outras regiões da capital instalavam-se temporariamente nas imediações dos engenhos moedores para colher e triturar o trigo. Esta intensa ocupação, para o autor, perdurou até poucos anos antes da Revolução de 30, o que este considera o fim da era do trigo na região.

Independente de qual tenha sido o acontecimento que deu menção ao nome do bairro, o plantio e a moagem do trigo estiveram presentes nesta área até o início do século XIX, de fato. Porém, a situação da monocultura do trigo era de alarmante insegurança, mesmo com sua produção estimulada pela altitude da metrópole. Sanhudo (1961, p. 226) aponta que no ano de 1835, pouco antes da Revolução Farroupilha, o local já se encontrava parcialmente abandonado, pois para conservar a Província Cisplatina, o povo gaúcho teve de enviar grandes contingentes militares a enfrentar os exércitos argentinos, os quais invadiram o território rio-grandense.

Segundo Souza (2000, p. 38): “[...] o advento da revolução que assolou o território rio-grandense entre os anos de 1835 e 1845, provocou o isolamento de Porto Alegre das áreas produtivas mais distantes dentro da Província em decorrência de sua posição como sede do governo”. Essa situação intensificou o processo de produção nas colônias de imigrantes em função do abastecimento para a capital sitiada, via rio dos sinos, acelerando o desenvolvimento das mesmas e consequentemente evitando a volta da produção de trigo no chapadão então desocupado. Após o fim da revolução, a agricultura das colônias começou a se especializar, e Porto Alegre passou a ser apenas o centro escoador desta produção.

Até o fim da Guerra dos Farrapos, Porto Alegre não se estendia em grande escala para fora das fortificações ainda existentes, o que dificultava o caminho para canalizar os recursos dos poucos moradores instalados nos seus arredores. Sendo assim, toda a baixada do urbanizado Bairro Floresta - vizinho e grande influência para a formação do Bairro Moinhos de Vento - exibia alguns raros caminhos, espécies de atalhos que a tradição consagra como becos.

Os referenciais teóricos consultados conduzem claramente ao desfecho de que o eixo de expansão industrial de Porto Alegre na direção norte foi fator de alta influência para determinar a linha de segregação urbana que conduziu as burguesias locais, partindo do centro da antiga cidade, em direção a Av. Independência. Em seu início, o Floresta não teria como

progredir muito, pois não tinha ligação direta com a cidade, uma vez que a Rua São Rafael, hoje chamada Alberto Bins, só foi aberta definitivamente em 1877:

A planta da cidade de 1835 estampa essa parte das vizinhanças da capital, com três logradouros públicos: uma radial maior, que partia do Beco do Barbosa, também conhecido como Lomba do Barbosa e perdia-se pela mataria do Morro do Carneiro, era o Beco do Chico Pinto. Atualmente essa é a Rua Cristóvão Colombo. O Beco do Carneiro, em ter a moderna Cristóvão Colombo e o Caminho Novo, é a hodierna Rua Ramiro Barcelos. E finalmente a já invocada Lomba do Barbosa, que ligava um largo terreno baldio na boca do Chico Pinto com a velha Costa do Rio. Este último beco é a atual Rua Barros Cassal. E não havia mais nada! (SANHUDO, 1961, p. 219).

Figura 4: Planta de Porto Alegre do ano de 1839, elaborada por L. P. Dias durante a Revolução Farroupilha. Mostrando a expansão urbana durante a Revolução Farroupilha

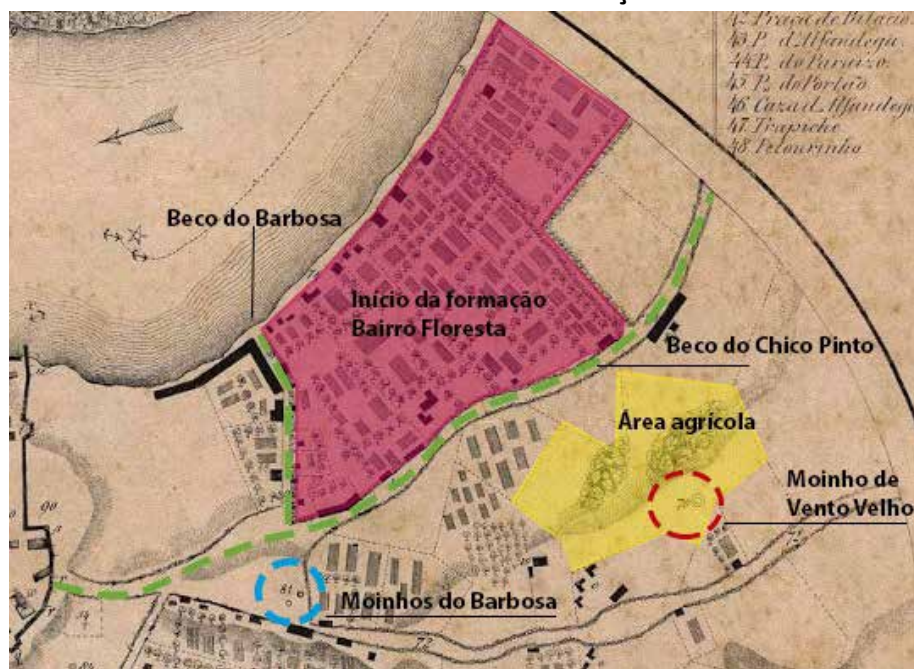


Fonte: CD-ROM “Porto Alegre - Um Século em Fotografia”, Editora da ULBRA 1997-2007 por Ronaldo Marcos Bastos

A ocupação do território pelas classes de alta renda em Porto Alegre acompanha paralelamente o seu crescimento de cunho industrial, e por esta razão, a formação do Bairro Floresta ocorreu de maneira mista, abrigando inicialmente uma classe de baixa renda, composta pelo proletariado das novas indústrias instaladas ali ainda em fins do século XIX indo até a encosta do morro Ricaldone, no qual a elite viria a se instalar na parte superior nesta mesma época. O Moinhos de Vento abriga a parte alta do morro, dispondo da melhor vista para as mansões que a classe rica ali construiria poucas décadas depois.

Após o abandono da área do chapadão durante o período da Guerra dos Farrapos, a região que compreende o Moinhos de Vento ainda recebia outras ocupações em seu diminuto território. Segundo as pesquisas de Bissón em sua obra sobre o Bairro Moinhos de Vento (2009, p. 17-18): “[...] a ocupação desta região se deu mais de 100 anos após a fundação oficial da cidade de Porto Alegre - ocorrida em 26 de Março de 1772”. O autor se baseia em historiadores que afirmam que a região começou a ser ocupada ainda no tempo do império, quando Maurícia Cândida da Fontoura Freitas e Fernando de Freitas Travassos implantaram o arraial de São Manoel em terrenos de sua propriedade. Um dos mais importantes da época imperial, este arraial continha uma pequena capela aproximadamente onde hoje se localiza a galeria Casa Prado, rodeado por singelas casas e posicionado em frente à praça que hoje leva o nome de Doutor Maurício Cardoso. Este assentamento ligava a já citada Estrada dos Moinhos de Vento com a Estrada da Floresta, que hoje corresponde a Avenida Cristóvão Colombo e os eixos principais do novo loteamento eram as atuais ruas Félix da Cunha e Doutor Timóteo.

Figura 5: Graficação sobre setor da planta de Porto Alegre do ano de 1839, elaborada por L. P. Dias com a localização dos antigos moinhos de vento e as características citadas no texto sobre a formação do Bairro Floresta.



Fonte: CD-ROM “Porto Alegre - Um Século em Fotografia”, Editora da ULBRA 1997-2007 por Ronaldo Marcos Bastos.

O Moinhos de Vento era, portanto, na virada do século XIX para o XX, uma área campestre, onde se buscava o refúgio da agitação de Porto Alegre. “Provavelmente, a Rua Mostardeiro era a mais habitada do bairro por volta do ano de 1892; 23 prédios térreos e um sobrado” (BISSÓN, 2009, p. 17-18).

1.1 O século XIX e as novas ocupações

O antigo chapadão voltou a ser ocupado ainda no século XIX, quando Antônio José Gonçalves Mostardeiro, vindo da região de Rio Grande, traz sua esposa Laura e seus filhos. A família chega a Porto Alegre no ano de 1864 e instala-se na região, onde foi construída a casa do comerciante, que ficou conhecida como *Chácara dos Mostardeiro*:

Em termos de largura ela ia da atual Rua 24 de Outubro (esquina com a Ramiro Barcelos) até a Castro Alves, e estendia-se até os limites com as vias agora conhecidas como Miguel Tostes, Mariante e Florêncio Ygartua, chegando até a Quintino Bocaiúva (BISSÓN, 2009, p. 19).

Ainda segundo o autor, a edificação ficava onde atualmente é o encontro das Ruas Mostardeiro e Florencio Ygartua. Posteriormente fora ampliada, e apesar das modificações, a família permaneceu exatamente naquela esquina com o passar das décadas. Ainda no final do século XIX, um dos treze filhos de José e Laura, Hemetério Mostardeiro, começa a negociar parcelas do terreno para diferentes interessados. Assim se dá o início da configuração daquela parte do bairro.

Figura 6: Graficação da autora sobre planta baixa da cidade de Porto Alegre. Redesenho da planta de Porto Alegre do ano de 1906, originalmente por Alexandre Ahrons Trebbi.



Fonte: CD-ROM “Porto Alegre - Um Século em Fotografia”, Editora da ULBRA 1997-2007 por Ronaldo Marcos Bastos.

A família Mostardeiro teve grande influência na formação do Bairro Moinhos de Vento, especialmente por ser proprietária de boa parte de suas terras. Segundo Bissón (2009, p. 19-20): “Tanto a área do atual Parque Moinhos de Vento, quanto vários terrenos vizinhos era o espaço físico correspondente à chácara até o final dos anos 1880”.

Figura 7: Chácara Mostardeiro em 1875. Primeira construção na Chácara dos Mostardeiro, no ano de 1875, atualmente onde se encontra a esquina das ruas Dona Laura e Florêncio Ygartua.



Fonte: Museu do Grêmio: Os Três Estádios, publicado em 4 de Maio de 2016

Figura 8: Casa sede da Chácara Mostardeiro, 1918. Publicado no Livro Moinhos de Vento: Memória e Reconhecimento



Fonte: SMAM – Secretaria Municipal do Meio Ambiente, visitado em 2019

Figura 9: Atual Rua Florêncio Ygartua, esquina com a Rua Mostardeiro, década de 1920, a face oposta do quarteirão onde ficava a Chácara dos Mostardeiro.

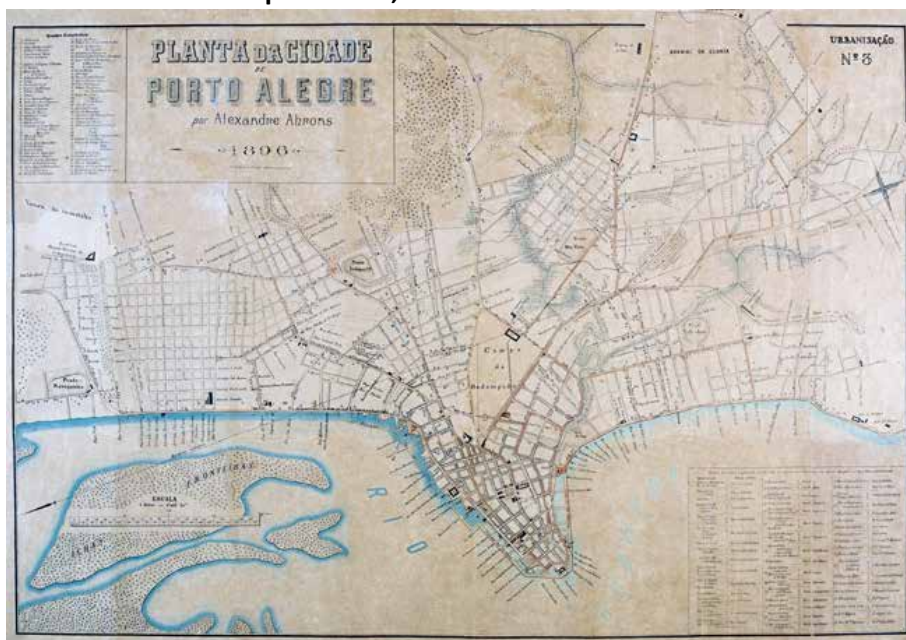


Fonte: Acervo digital da Fototeca Sioma Breitman, autor desconhecido.

Após o período da Revolução Farroupilha, havia entrado em atividade nas terras porto-alegrenses o desporto que trouxe grande influência na estruturação do tecido urbano do Bairro Moinhos de Vento. Em meio às mudanças do setor produtivo, Porto Alegre recebeu as singelas acomodações do que viria a ser seu primeiro prado, este com carreiras improvisadas, era definido como *mais ou menos fixo, e de indiscutível e assinalada afluência*, por Sanhudo (1961, p. 271). Segundo o autor, em poucos anos a atividade do hipismo foi ficando mais assídua e ainda nos anos 1860 as reuniões turfísticas já eram consideradas eventos movimentados e se realizavam em um gramado plano chamado de Farrapo Imperial, parte de uma chácara que pertencia à filha do General Manoel Ribeiro.

Na segunda metade do século XIX, surgiram os primeiros prados locais com pistas em formato específico para corrida de cavalos em Porto Alegre. A planta da cidade elaborada por João Cândido Jacques em 1888 já registrava dois destes, o Prado Rio-grandense no Menino Deus, e o Prado Boa Vista no arraial de São Miguel, entre as Ruas Boa Vista e Santana. A planta de autoria de Alexandre Ahrons datada de 1896, registra mais dois, o Prado Navegantes e o Independência – localizado no atual Parque Moinhos de Vento. Segundo Macedo (1973, p. 44), o aparecimento dos prados se deu suscetivelmente nesta ordem: “Prados do Menino Deus, da Boa Vista, dos Navegantes e por fim, o mais aristocrático de todos: o Prado Moinhos de Vento”.

Figura 10: Planta baixa de Porto Alegre do ano de 1896. Autoria de Alexandre Ahrons Trebbi – onde constam os quatro Prados: Navegantes, Independência, Boa Vista e Menino Deus



Fonte: CD-ROM “Porto Alegre - Um Século em Fotografia”, Editora da ULBRA 1997-2007 por Ronaldo Marcos Bastos

Não é difícil entender por que o Prado Moinhos de Vento se tornou rapidamente o preferido pela alta sociedade porto-alegrense. Com os avanços do esporte ao longo do século XIX, a elite passou a preferir as modernas pistas circulares, que admitiam mais competidores que antigas pistas retas. Geralmente, os hipódromos construídos com esse novo formato estavam situados em amplas áreas verdes, e em função disso, passaram a ser chamados de prados, pois segundo Bissón (2009, p. 21): “todos eles se situavam em meio a campinas planas, cobertas de pastagens”.

Em 1894, a instalação do Prado Independência, impulsionou o crescimento do bairro em direção à virada de século, embora o turfe já existisse em Porto Alegre desde o ano de 1856. Foi nesta época em que o comércio central se expandiu na direção do interior, avançando paralelamente ao espigão e a orla, segundo Villaça (2001, p. 204). Por isso a parte alta daquela rua preservou-se como área residencial das elites, a partir do alto do espigão, um dos eixos de expansão residencial das burguesias. A riqueza e a tradição se instalaram, inicialmente, na avenida que parte do centro da cidade e a partir dos anos 1930 a fronteira entre a Av. Independência e o Bairro Moinhos de Vento tornou-se praticamente indistinguível.

Figura 11: Planta baixa de Porto Alegre de 1906. Setor de Planta de Porto Alegre do ano de 1906 de Alexandre Ahrons, redesenhada por Afílio Alberto Trebbi

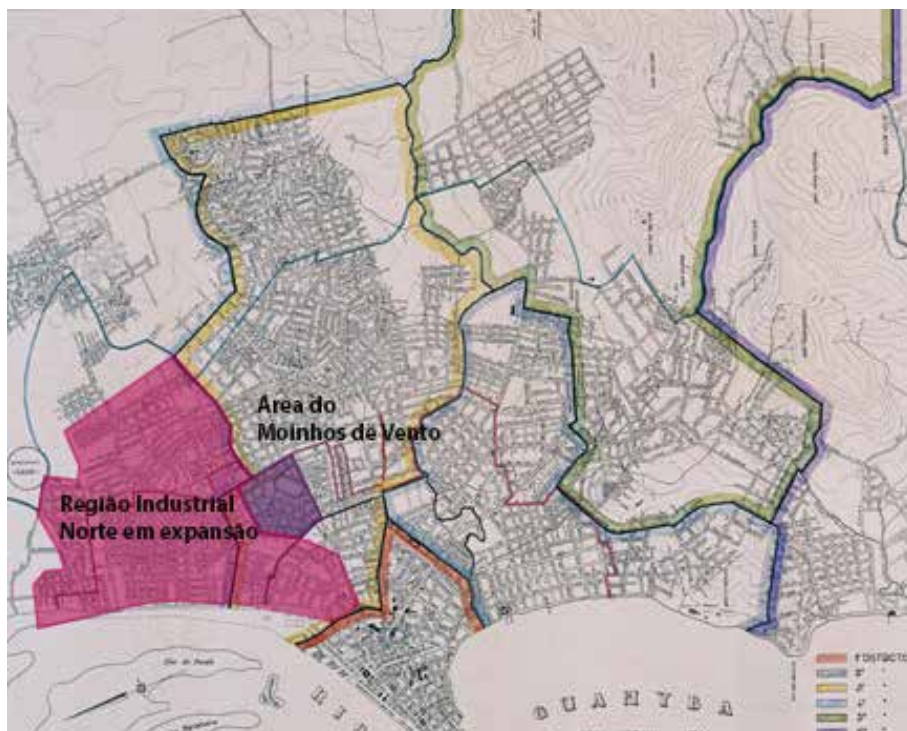


Fonte: Acervo digital do IHGRGS

Dentre os limites oficiais do bairro – fixados pela lei municipal 2022 de 07/12/1959 -, as primeiras ruas abertas tiveram origem na divisão da já citada Chácara Mostardeiro, originando as ruas que até os dias atuais conhecemos como Mostardeiro e Dona Laura. Segundo Laytano, pouco depois da criação destes novos logradouros, a região passa a ser habitada por tradicionais famílias porto-alegrenses, todas do alto comércio da capital e da indústria, tornando o Moinhos de Vento, um bairro aristocrático.

Desde sua definição oficial como bairro, o Moinhos de Vento recebeu influência do Turfe. Com a importação inglesa do cavalo Avon - primeiro de raça puro sangue a chegar na Província -, por iniciativa do vereador José Ferreira Porto, foi iniciado o processo de criação de cavalos de corrida nesta região da cidade. Paralelamente ao desenvolvimento da malha urbana, o interesse pelas corridas aumentava gradativamente, já havendo disputas mesmo antes de surgir o primeiro hipódromo – o qual foi fundado ainda em meados do século XIX, pelo médico Ramiro Fortes Barcelos, na região da várzea, onde fica o atual Parque Farroupilha.

Figura 12: Graficação sobre planta baixa de Porto Alegre de 1932, de Francisco Ballanca, com a divisão da cidade em distritos, onde não se identifica limites entre o Moinhos de Vento e Floresta



Fonte: Acervo Digital do Arquivo Histórico Moisés Vellinho. CD ROM. 01.

Nesta época, o terreno que hoje pertence ao Parque Moinhos de Vento estaria provavelmente vazio, tendo sido abandonado pela população. Em uma planta da cidade, que teria sido confeccionada em 1835, por L. P. Dias, Sanhudo (1961, p. 228) afirma que “já estava registrado para essa zona um vazio com um ponto vago, mais ou menos à altura do atual Colégio Bom Conselho com a indicação de *“Moinho de Vento Velho”*”. Embora o mapa onde consta esta informação – já analisado nesta pesquisa – date de 1839, na confecção de L. P. Dias, esta informação evidencia que já havia mais de meio século desde que se iniciara o esvaziamento da área, muito provavelmente em prol da necessidade que o estado vinha enfrentando em combater os invasores, culminando nas batalhas da Revolução Farroupilha.

Aos fins do século XIX, instalavam-se no antigo chapadão, as estruturas do Prado Independência, que com equipamentos de luxo, logo iria eliminar as concorrências. O pavilhão de grandes dimensões com espaços majestosos atraía as mais altas camadas da sociedade a irem apostar nas corridas, mantendo os domingos movimentados nesta região. Com quatro prados em funcionamento, o turfe atingiu seu auge em Porto Alegre

na última década do século XIX, ocasionando a atratividade do local para instalações residenciais.

Bissón (2009, p. 25) afirma que: “Os alemães e os teuto-brasileiros foram os primeiros grupos com uma identidade étnica e cultural definida a escolher o Moinhos de Vento como local de construção de suas residências”. Provavelmente os fatores que fizeram com que eles viessem para o bairro foram os terrenos baratos - pois a região ainda era considerada distante do Centro de Porto Alegre - e o gosto pelas áreas verdes, seguindo a tendência germânica do culto à natureza:

Ocupada a Independência, os capitalistas, os altos comerciantes e a classe média-alta, especialmente os de origem alemã, passaram a se instalar no Moinhos de Vento. O processo se acelerou durante e depois da construção da Hidráulica na região. Era até natural que isso ocorresse, considerando o processo natural de expansão da cidade. Pode-se dizer que, a partir do final do século XIX, a moradia das elites em Porto Alegre seguiu uma linha sinuosa e contínua no perímetro urbano. Começou na Rua Duque de Caxias, seguiu pela Independência e chegou até o Moinhos no final dos anos 20. (BISSÓN, 2009, p. 30-31)

Além da instalação da Hidráulica, a abertura da Rua 24 de Outubro já vinha acontecendo desde a primeira década do século XX. Com sua obra já em andamento nos anos 1900, o que se conhecia por Rua Moinhos de Vento – nome dado após o início da urbanização, abandonando a palavra “estrada” – o logradouro só teve sua nomenclatura oficializada no ano de 1933, por meio de Decreto Municipal. A abertura desta rua foi outro fator importante para a urbanização do Bairro Moinhos de Vento, facilitando o acesso à antiga Aldeia dos Anjos – atual município de Gravataí – e melhorando a circulação no bairro, o qual recebia grande demanda de construções, em sua maioria residências de famílias ricas.

Assim, o bairro foi se tornando cada vez mais urbanizado e populoso, tendo suas ruas adjacentes preenchidas pelas luxuosas e ostentadoras mansões das famílias mais abastadas da região. Seus jardins normalmente eram extensos, decorados constantemente recebiam manutenção. Adornos importados como chafarizes e balanços de ferro eram trazidos de navio continente europeu.

A partir das últimas décadas do século XIX, a área só cresceu e recebeu melhorias de infraestrutura, tendo suas ruas pavimentadas, energia elétrica e saneamento de água e esgoto em toda a extensão do bairro (SILVA, 1943, p. 66). Naquela época, o incentivo à requalificação de espaços e

remodelação da malha urbana da cidade levou a prefeitura à contratação de arquitetos e urbanistas para planejar e remodelar algumas áreas da cidade, incluindo a região do atual Bairro Moinhos de Vento.

Figura 13: Jardim no Moinhos de Vento. Jardim de uma das primeiras mansões construídas na região do Moinhos de Vento – próximo ao Morro Ricaldone, no final do século XIX



Fonte: Acervo digital da Fototeca Sioma Breitman, doado por desconhecido

Figura 14: Hidráulica Guaibense em 1890. Obras de construção dos tanques da Hidráulica Guaibense, 1890



Fonte: Acervo pessoal de Virgílio Callegari, disponível em acervo digital da Fototeca Sioma Breitman

Figura 15: Tanques da Hidráulica Guaibense, 1906



Fonte: Acervo pessoal de Virgílio Callegari, disponível em acervo digital da Fototeca Sioma Breitman

Figura 16: Obra da abertura da Rua 24 de Outubro, 1907



Fonte: Acervo pessoal de Virgílio Callegari, disponível em acervo digital da Fototeca Sioma Breitman

Figura 17: Palacetes da Av. Independência, 1953



Fonte: Fotografado do livro *Moinhos de Vento: Memória e Reconhecimento*. Disponível em Jockey Club do Rio Grande do Sul

Figura 18: Rua Barão de Santo Ângelo esq. com Rua Hilário Ribeiro, 1953



Fonte: Fotografado do livro *Moinhos de Vento: Memória e Reconhecimento*. Disponível em Jockey Club do Rio Grande do Sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo científico de cunho historiográfico, procurou-se entender como se deu a formação do Bairro Moinhos de Vento no contexto urbano da cidade de Porto Alegre. A região começa a se desenvolver em uma época na qual o crescimento urbano ascendia no ramo industrial, o qual influenciou diretamente na configuração do bairro que chamamos até os dias de hoje de Moinhos de Vento.

O Bairro Moinhos de Vento teve seu crescimento impulsionado a partir da segunda metade do século XIX, apesar de já ter sido anteriormente ocupado para diferentes fins. É notável, a partir da pesquisa aqui feita, que este foi o local preferido pelas elites porto-alegrenses para a sua instalação tanto por questões geográficas, como o natural deslocamento dado ao longo da avenida independência em território privilegiado pelas elevadas cotas de relevo.

Desde suas primeiras ocupações, a altitude dos terrenos foi fator de alta influência, fazendo girar as mós com a força do vento e tornando o homem independente da água para tanto. Tanto nos tempos de arraial quando após o seu esvaziamento, o Moinhos de Vento foi uma zona colonizada por famílias tradicionais e este fator o ajuda a ser visto até os dias de hoje como um dos bairros mais conservadores da cidade de Porto Alegre.

Há uma clara discrepância entre as interpretações de autores sobre a origem do nome do bairro, e por esta razão, foi revisado o estado da arte, a fim de explicitar o desconhecimento da origem do nome escolhido. Uma vez que se objetivou aqui apenas a pesquisa historiográfica e a contagem da história deste emblemático local, as análises em cima de mapas e plantas antigas da cidade de Porto Alegre, ilustram claramente o desenrolar desta formação urbana.

A história do Bairro Moinhos de Vento, onde hoje contemplamos diversos equipamentos urbanos, consiste em uma longa e consolidada trajetória, com modificações no tecido urbano e mudanças de equipamento ao longo de mais de dois séculos. A viagem no tempo que este artigo buscou proporcionar, culmina no que temos hoje no coração de uma das regiões mais movimentadas da cidade: um bairro pequeno, diversificado e cheio de histórias.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Ronaldo Marcos. *Porto Alegre – Um Século de Fotografia*. Porto Alegre: Editora da ULBRA, 1997. CD-ROM.
- BISSÓN, Carlos Augusto. *Moinhos de Vento: histórias de bairro de Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2009.
- LAYTANO, Dante de. *Moinhos de Vento: os 10 anos de um parque na história de Porto Alegre*. Porto Alegre: Secretaria Municipal do Meio Ambiente; Sul Brasileiro Crédito Imobiliário S/A, 1982.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. *História de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993.
- _____. *Porto Alegre: História e Vida da Cidade*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1973.
- MARX, Murilo. *Cidade no Brasil: terra de quem?* São Paulo: Livraria Nobel S.A., 1991.
- PETERSEN FILHO, Germano. *Porto Alegre: história e urbanização*. Porto Alegre: Editora La Salle, 1982.
- PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. *10 Anos do Parque Moinhos de Vento*, 1982.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Evolução Urbana no Brasil*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1968.
- REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico do RS, Porto Alegre, n. 148, 2014.
- REVISTA História Ilustrada do Grêmio, n. 2, Edição Especial, 1910/1918.
- SANHUDO, Ary. *Porto Alegre: crônicas da minha cidade*. Porto Alegre: Livraria Sulina, 1961.
- SILVA, Loureiro da. *Um Plano de Urbanização*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre: Globo, 1943.
- SOUZA, Célia Ferraz de. *Contrastes Regionais e Formações Urbanas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- SOUZA, C. F. de; MULLER, D. M. *Porto Alegre e Sua Evolução Urbana*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997.
- VILLAÇA, Flávio. *Espaço Intra-Urbano no Brasil*. São Paulo: Estúdio Nobel, FAPESP, Lincoln Inst., 2001.
- WERNER, Gilberto Domingues. *Moinhos de Vento: Memória e Reconhecimento*. Porto Alegre: Edição do Autor, 2014.

Recebido em 05/01/2020

Aprovado em 11/06/2020